

OS FANTASMAS DAS LÍNGUAS DOS COLONIZADORES NA LUTA PELA EMANCIPAÇÃO DO POVO PRETO

THE GHOST OF THE LANGUAGES OF THE COLONIZERS IN THE FIGHT FOR THE EMANCIPATION OF THE BLACK PEOPLE

Celestino Taperero Fernando

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Filosofia pela PUC-RS. Docente da Universidade Púnguê.

E-mail: ctapererua@gmail.com

Resumo: O presente artigo objetiva explicar a questão do não uso das línguas africanas pelos próprios africanos e afrodiásporas no processo da luta pela emancipação e pelo reconhecimento para a erradicação do racismo e do epistemicídio ocidental. A luta contra o silenciamento das línguas africanas deve ser vista como um novo paradigma de combate ao racismo. Importa ressaltar que a língua não pode ser vista como apenas uma forma de comunicar-se, ela carrega consigo uma riqueza de saberes que marcam a identidade e o pensamento de um povo, os traços culturais e os conhecimentos locais, como religião, história e todas as situações socioeconômicas dos povos. Por isso, matar uma língua é matar a identidade de um povo. A língua deve ser considerada como a vitalidade de um grupo étnico-linguístico, pois ela é a essência dos seres humanos como povo. Na África, a questão da língua estava conectada com a espiritualidade e o corpo. Assim, neste artigo, iremos usar o termo preto porque não concordamos com o atributo negro, que é pejorativo. Como se trata de cor, irei sempre referenciar o povo afro como pretos.

Palavras-chave: Língua. África. Preta. Emancipação. Racismo.

Abstract: This article aims to explain the issue of non-use of African languages, by Africans and Afro-diaspora themselves, in the process of the struggle for emancipation and recognition to eradicate racism and Western epistemicide. The fight against the silencing of African languages must be seen as a new paradigm for combating racism. It is important to emphasize that language cannot be seen as just a way of communicating, they carry with them a wealth of knowledge that marks the identity and thinking of a people, cultural traits, local knowledge such as: religion, history and all social situations. economic of a people. Therefore, killing a language is killing the identity of a people. Language must be considered as the vitality of an ethnic linguistic group because it is the essence of human beings as a people. In Africa the question of language was connected with the question of spirituality

and the body. In this article we will use the term black because we do not agree that the black attribute is pejorative. As it is about color, I will always refer to Afro-black people.

Keywords: Language. Africa. Black. Emancipation. Racism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua está em primeiro plano no que diz respeito ao fortalecimento e à preservação da vida, da cultura e da identidade de cada comunidade. Quer na história, na literatura e em todas as unidades do conhecimento africano, a oralidade representa um aspecto fundamental de socialização não apenas para o construto social, mas também para a transmissão de conhecimentos construídos. A língua é um elemento de grande relevância, vital para os povos africanos e outros povos do mundo. A língua do mundo é estruturada para transmitir conhecimentos da sua sociedade de geração em geração. Por isso, cada sociedade cria seus recursos para a transmissão desses conhecimentos construídos. A ciência torna-se lenta, pois o processo de tradução simultânea de uma língua para a percepção do conteúdo em leitura ou em audição remete-nos à lentidão na memorização, à decifração dos signos e aos códigos linguísticos.

IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA PARA EMANCIPAÇÃO

Desde a existência do mundo e da humanidade, a língua, além de ser a identidade de um povo, transmite herança cultural, aumentando a nossa diversidade criativa. A língua deve ser considerada como a vitalidade de um grupo étnico-linguístico porque ela é a essência dos seres humanos como povo. Na África, a questão da língua estava conectada com a espiritualidade e o corpo-natureza. A “língua no contexto africano é uma caixa preciosa que contém as riquezas culturais, intelectuais, sociais, espirituais, de um determinado grupo etnolinguístico” (Sogbossi, 1998, p. 50).

Todos os rituais eram dirigidos pelas línguas locais e não podiam ser proferidos pelas línguas próximas. A tese principal para essa prática era: os espíritos de casa/comunidade são evocados pelos donos da casa ou da comunidade em línguas locais para não confundir com a invasão espiritual. Hampaté Bâ (2010, p. 167) afirma que os “provérbios são também usados como palavras ou frases amenizadoras. Um provérbio substitui uma palavra ofensiva em uma conversa”.

Na etnofilosofia, no ubuntu e na teoria da educação africana, desde as épocas clássica e contemporânea, as discussões sobre a manutenção das línguas africanas não estão no centro das atenções das pesquisas dos intelectuais locais. É importante elencar que Obenga (1999, p. 112) afirma que *grupo etnolinguístico* “é usado para qualificar todos os aspectos que caracterizam um grupo específico culturalmente e em relação ao uso da língua”.

As línguas africanas são vistas como necessárias na essência do povo preto. Mesmo reconhecendo a existência de várias línguas com muitos significados na África, a filosofia ubuntu considera que não existe vida humana sem língua nem linguagem, porque ela é o centro de convivência entre os povos, além de trazer consigo o conceito “Muntu-pessoa” em língua zulu: ao desaparecer a língua, o povo vai perder a sua identidade e vai se enfraquecer. De acordo com Diagne (1999, p. 259), a língua deve ser vista como

Sistema de comunicação preponderante para a elucidação da história, entendendo que essa história é a da própria língua, do grupo ou de outras ordens sociais, culturais, intelectuais, religiosas, enquanto a escrita não tem condições amplamente suficientes de conter todas essas características.

A matriz linguística bantu é composta por muitas etnias, tribos e línguas, por exemplo: shona, swahili, zulu, macua, fulfulde, yoruba, igbo, nyanja, macua, chamagana etc. A diversidade linguística africana impressiona. Atualmente, a África possui 2.092 línguas faladas, número correspondente a nada menos que 30% dos idiomas em todo o planeta, mas muitas dessas línguas não possuem escritas, estão sujeitas a tradução oral de geração para geração. As línguas africanas, “utilizadas hoje ritualmente, mantêm-se como veículo de expressão dos cânticos, saudações e nomes dos iniciados” (Póvoas, 1989, p. 75), podendo também, principalmente, servir como meio de comunicação entre os adeptos da mesma comunidade de culto.

A história da humanidade nos permite entender que a língua, muitas vezes, determina a constituição de um território exclusivo do povo que a fala e também a formação de Estados Nacionais. A ideia da nação está associada à questão linguística, pois coincide com os mesmos hábitos e costumes, assim como se estende à moral.

Nas convivências antropológicas e sociológicas, podemos aferir que cada etnia, povo e ser humano têm uma língua, isso é um princípio que não se pode ignorar e matá-lo, porque na realidade é muito importante. Na tentativa de explicar a essência da palavra ubuntu, Castiano (2010, p. 157) sustenta o seguinte:

Na óptica de Ramose, há ainda que diferenciar o termo ubu do termo umu nas línguas bantu. Enquanto o ubu expressa o Ser na sua forma mais geral, o umu expressa o Ser mais específico que, junto ao ntu, portanto umuntu, expressa um Ser específico, o Ser humano – enquanto político, religioso e, sobretudo, enquanto uma entidade moral.

Ramose usa a semiologia linguística para mostrar a importância da língua e para explicar a existência do termo e da moral de um povo. É imperioso explicar que a caracterização do ser humano está no centro da língua e é, na base desta, que atribui o ato de ser. O povo Shona explica que “*Chiwanhu chedu, chinowane kwa pamutauro wedu*”.¹

O uso das línguas dos colonizadores pelos africanos e afrodiásporas enfraquece toda a luta de antidiscriminação, além de não acontecer de forma passiva. Primeiro, é importante lembrar que a permanência das línguas dos colonizadores (português, francês, inglês, espanhol e alemão) é evidência da colonização indenitária, que resultou em escravidão e opressão. No nacionalismo, isso foi considerado como uma revolução social, a partir da reinvenção e da renovação da língua do silenciador pelo silenciado.

A imposição do idioma colonizador é um aspecto determinante que cria toda fraqueza da emancipação do povo preto, tanto na África como nos outros quatro continentes. A língua dominante é tradicionalmente escrita e possui uma força muito maior que as línguas de tradição oral. Por isso, muitos movimentos de emancipação antirracista caem no fracasso, porque, no protesto, usam a língua do colonizador, mantendo, assim, o instrumento da colonização e anulando a legitimidade de ser um povo com sua identidade própria. Habermas (1988, p. 147) explica que “a identidade é formada dialeticamente entre indivíduo e sociedade sendo mutável em boa medida inconscientemente, num processo que inclui a identificação própria e a identificação reconhecida por outros”.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espço (Castells, 1999, p. 23).

Pela trajetória histórica da humanidade, podemos afirmar que “a cultura africana é uma cultura religiosa” (Altuna, 2014, p. 378) que se efetiva pela comunhão na comunidade (comunitarista) – eu sou porque nós somos (*umuntu nguntu ngabantu*) –, diferentemente da filosofia individualista europeia.

1 “A nossa existência é explicada pela nossa língua como shona” (tradução nossa).

A AUTOCONSCIÊNCIA COMO INSTRUMENTO PARA COMBATE AO RACISMO

O racismo não pode ser visto apenas como uma questão de cor da pele, e, sim, como a imposição linguística e a falta de interesse do povo preto em recuperar as suas línguas e fazê-la de instrumento de desenvolvimento e liberdade internacional para atingir a globalização capitalista e sociocultural que o mundo atual prega. Por falta desse determinismo cultural, os movimentos antirracistas não têm tido muito efeito até hoje. Se pensarmos que a língua do outro é melhor que a minha, isso também pode configurar autorracismo ou autonegação. O preto pós-colonial vive essa conjuntura imperialista, e não há movimentos pró-línguas africanas. Isto é, a intensificação da expansão das línguas ocidentais devia ser uma grande preocupação para a África pós-colonial no resgate da sua própria identidade. A título de exemplo: a China e outros países asiáticos e a África dos Magrebinos (África branca).

No mundo pós-colonial, é normal ver um africano que nunca se deslocou para a Europa não conseguir falar nenhum dialeto africano. O sonho de ser europeu dentro da própria África cresce cada vez mais. Por isso, na África, existem escolas que lecionam o sistema curricular da Cambridge, lusófona e muito mais. Esses sistemas têm muita aderência ao sonho de ver seus filhos falando bem o inglês e conhecendo toda a geografia europeia sem conhecer a geografia do seu próprio continente. O pensamento moderno na África é da europeização dos seus espíritos.

O africano deve preocupar-se em escrever e falar em suas línguas. Sonhar uma liberdade plena enquanto se usa a língua do opressor é uma fantasia, uma utopia, uma contradição da contradição. A opressão ou colonização não se resume apenas aos aspectos da escravidão, do racismo e da economia. O preto deve lutar contra a sua própria autonegação, a anulação do eu que enferma no seu cotidiano (eu sou porque nós somos). Essa máxima não exclui a língua, a autonegação, isto é, a negação do eu. No continente africano, há africanos que não falam suas línguas nativas. A África devia repensar a questão da língua e emancipar o seu dicionário.

A língua do opressor não pode ser vista como instrumento da unidade nacional, do desenvolvimento, como defendem muitos nacionalistas pretos. As grandes potências colonizadoras, como China, Japão, Índia etc., não se apegaram às línguas colonizadas, mas isso não as condenou ao fracasso econômico. Essa é uma demonstração clara de que a língua nativa é importante para o seu próprio povo.

Os fantasmas do opressor vivem em nós quando brigamos e competimos para saber quem fala mais bem a língua do colonizador. Muitos países da África não se preocuparam em incluir no currículo escolar as línguas africanas como sendo um pacote do ensino obrigatório.

A luta que há na África agora é a introdução nas escolas privadas do modelo de ensino da Cambridge para emancipar o ensino da Inglaterra e a língua inglesa. Neste século XXI, verifica-se outra colonização, que é a da alma do povo preto. Nesse modelo, não se fala em língua nativa, tudo é ministrado em inglês.

Nas cidades africanas, é normal encontrar um africano que nunca saiu da África e que não sabe falar as línguas locais. No caso de Moçambique, na proclamação da independência, a criação do “homem novo” que poderia pertencer à nova nação. Esse homem novo passa a ser apontado como aquele engajado em seus valores nacionais modernos. Na verdade, “Homem velho é aquele homem não socialista, aquele que não conhece a teoria revolucionária. Enquanto o homem novo é aquele que constrói o socialismo, com disciplina e entusiasmo mobiliza grandes massas” (Machel, 1979 *apud* Thomaz, 2008, p. 174).

O homem traçado era aquele que não podia falar as línguas nativas porque a fonte da desunião facilitou a colonização. Tzvetan Todorov, filósofo e linguista búlgaro, falava que o contato com o outro sempre vai gerar algo novo. Por isso, Samora Machel (1981 *apud* Thomaz, 2008, p. 181) explica que devemos matar as tribos para construir uma nação:

Macondes, Macuas, Nyanjas, Manicas, Changanas, Ajauas, Longas, Cenas; saímos moçambicanos. Entramos como negros, brancos, mistos, indianos; saímos moçambicanos. Entramos como negros, brancos, mistos, indianos; saímos moçambicanos. Quando chegamos, trazemos nossos vícios e defeitos, egoísmo, liberalismo, elitismo. Nós destruimos esses valores negativos e reacionários.

A violência da colonização do espírito do povo África-preto ofusca toda tentativa de emancipação e de desenvolvimento. Os próprios libertadores e libertados não se preocupam em lutar contra a narrativa na qual descobrimos e civilizamos os africanos. Tanto no tempo colonial como na pós-independência, ainda prevalece a violência histórica e sociocultural.²

A violência da mente colonial do povo preto na África e na diáspora não se estende apenas a questões da língua, da religião e da cultura, também se desdobra na parte da estética. A partir dos anos 2010, os produtores dos cabelos sintéticos viram na

2 Não esperemos que o primeiro negro com quem cruzamos na rua, sobretudo se for jovem, nos dê um quadro sistemático do seu sistema ontológico. Não obstante, essa ontologia existe, ela penetra e enforma todo o pensamento do primitivo e domina-lhe todo o comportamento. Recorrendo aos métodos de análise e síntese das nossas disciplinas intelectuais, podemos e, portanto, temos de auxiliar o “primitivo” a procurar, classificar e sistematizar os elementos do seu sistema ontológico (Tempels, 1969, p. 15, tradução nossa).

África um mercado muito forte, porque as mulheres africanas sonham em ter cabelos lisos à semelhança das brancas. Isto é, o sonho de ser branca no corpo de uma preta cresce a cada dia, e isso prolifera a autonegação, conseqüentemente a proliferação do autorracismo.

Todas essas observações nos remetem à ideia de que estaremos longe de combater o racismo se continuarmos a insistir nesse processo de autonegação. O africano preto estará longe de alcançar a sua hegemonia se ainda continuar a sonhar e pensar na língua dos seus colonizadores, ou seja, enquanto pensam que o português, o francês e o inglês são línguas da unidade nacional. Além disso, enquanto imaginarmos que quem fala excelentemente a língua ocidental é civilizado, toda a batalha de emancipação vai continuar sem resultados.

A descolonização não pode ser apenas da liberdade, também deve afetar a descolonização linguística, cultural e espiritual. O povo preto deve libertar-se das contradições, mas quais são essas contradições?

As contradições em alusão são: primeiro, a questão da língua; segundo, a questão da cultura; e, por fim, a questão da estética. Para libertar-se dessa amarra, é importante que Obenga (1999) aponte para a relevância da tradição oral nos trabalhos científicos. Às vezes, a língua e sua manifestação oral são as únicas formas de reconstituir com eficácia a história precisa dos povos, resolvendo, assim, um problema quando um documento escrito está sem saída.

Sobre essas contradições, podemos chamá-las como um doente que afeta o povo preto. Nos últimos anos, temos visto muitas mulheres pretas com o sonho de ser uma mulher branca, daí a indústria moderna capitalista entrar em cena, produzindo e fornecendo perucas com as cores loiras e ruivas e as pomadas de clareamento da pele, como referenciamos anteriormente.

Enquanto há relatos de racismo estrutural, os próprios africanos excluir continuam a endeusar a cor branca com sendo o fim último da felicidade e da realização do espírito. A tese que estamos a trazer neste texto é: para conseguirmos superar a ideia de o preto ser um ser da última categoria, primeiro deveremos trabalhar na questão da autoestima e da autoaceitação.

Cada dia que passa está-se assassinar e cremar a questão da identidade e autovalorização. Quando um povo perde a sua soberania ficando submetido à outra cultura, perde pelo menos um pouco da sua autoconfiança e dignidade; perde o direito de se autogovernar, a liberdade de escolher o que mudar em sua própria cultura ou o que adaptar ou rejeitar da outra cultura (Ranger, 1991 *apud* Castiano, 2010, p. 80).

O desaparecimento das línguas é prejudicial para toda a sociedade. Cada língua que desaparece é uma visão de mundo que está desaparecendo e uma forma de perceber a realidade que está deixando de existir. A língua, muitas vezes, apresenta-se como a alma de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise de identidade é um fator muito preocupante. Para além da língua anteriormente citada, as cores das vestimentas africanas é uma adoção da imposição árabe que chegaram primeiro ao continente africano no século VII, fruto das trocas comerciais de ouro e marfim pelos tecidos e pelas miçangas vindos da Ásia.

Existem muitos fatores que contribuíram para a incrível expansão árabe do século VII, que partiu da Península Arábica em direção ao *Magreb* – que quer dizer “Ocidente” em árabe. Nas cores das vestimentas africanas, a Índia teve papel muito importante na disseminação da sua cultura colorida.

O africano deve regressar à história para escrever a sua própria história. Quanto ao Cristianismo, nos últimos anos, a África tem mais igrejas, profetas, apóstolos e pastores para disseminar a negação das crenças africanas e substituí-las pelo Cristianismo, diabolizando-as.

O movimento decolonial não pode apenas lutar pelo reconhecimento, deve colocar em prática a sua identidade criando cursos de extensão de línguas africanas. Não se pode falar de história da África sem falar das línguas africanas, suas origens e suas estruturas linguísticas.

REFERÊNCIAS

- ALTUNA, P. R. R. *Cultura tradicional Bantu*. 2. ed. Portugal: Paulinas, 2014.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTIANO, J. P. *A liberdade do neoliberalismo: leituras críticas*. Maputo: Editora Educar, 2018.
- CASTIANO, J. P. *Referenciais da filosofia africana: em busca da intersubjectivação*. Maputo: Sociedade Editorial Ndjira, 2010.
- DIAGNE, P. Histoire et linguistique. In: KI-ZERBO, J. (ed.). *Histoire générale de l'Afrique I: méthodologie et préhistoire africaine*. Paris: Editions Unesco, 1999. p. 167-169.
- HABERMAS, J. *Teoría de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1988. v. II.
- HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (ed.). *História geral da África I: metodologia e pré-história da África*. Brasília: Unesco, 2010. p. 167-212.

- OBENGA, T. Source et technique spécifiques de l'histoire africaine. Aperçu général. In: KI-ZERBO, J. (ed.). *Histoire générale de l'Afrique I: méthodologie et préhistoire africaine*. Paris: Editions Unesco, 1999.
- PÓVOAS, R. C. *A linguagem do candomblé*. Rio de Janeiro: Olympio, 1989.
- PÓVOAS, R. C. *A linguagem do candomblé*. Rio de Janeiro: Olympio, 1989.
- PRAH, K. K. The intellectualisation of african languages for higher education. *Alternation*, v. 24, n. 2, p. 215-225, 2017.
- SOGBOSI, H. B. *La tradición ewé-fon en Cuba: contribución al estudio de la tradición ewé-fon (arará) en los pueblos de Jovellanos*. Perico y Agramonte, Cuba: Fundación Fernando Ortiz, 1998.
- TEMPELS, P. *Bantu philosophy*. Paris: Présence Africaine, 1969.
- THOMAZ, O. R. Escravos sem dono: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista. *Revista de Antropologia*, v. 51, n. 1, p. 177-214, 2008.

Recebido em: fevereiro de 2024.

Aprovado em: junho de 2024.